

Parteiras Curiosas e as economias do corpo feminino. Fortaleza, 1915-1935.

Aline da Silva Medeiros*

RESUMO: Em 1915, com a criação da Maternidade Dr. João Moreira, deu-se início, em Fortaleza, a uma série de investimentos médicos que tinham por alvo o corpo feminino. A irradiação dos preceitos clínicos que deveriam informar a assistência ao parto estava, no entanto, condicionada à supressão das chamadas “parteiras curiosas”. Mulheres pobres, as “parteiras curiosas” tinham suas atuações tributárias do mundo sertanejo, davam novos usos para o mobiliário doméstico, se valiam de um repertório específico de rezas e de apelos sobrenaturais, etc. Instauravam um regime corporal no qual o corpo feminino se mostrava completamente permeável às forças cósmicas e demais dinâmicas do fora. A reflexão sobre alguns elementos que circundavam as práticas destas mulheres se faz essencial para compor a genealogia dos cuidados sobre o corpo feminino na cidade de Fortaleza.

Palavras chaves: corpo; parto; parteiras.

RÉSUMÉ: En 1915, avec la création de la Maternidade Dr. João Moreira, a commencé, à Fortaleza, les premiers investissements médicaux qui visaient le corps féminin. La diffusion des préceptes cliniques qui devaient informer l’assistance à l’accouchement était, toutefois, conditionnée par la suppression des «parteiras curiosas» - sages-femmes traditionnelles. Femmes pauvres, les «parteiras curiosas» avaient de pratiques influencées par le monde rural, donnaient de nouvelles utilisations pour le mobilier domestique, présentaient un répertoire spécifique de prières et d’appels au surnaturel, etc. Elles ont établi un régime corporel dans lequel le corps féminin se manifestait complètement perméable aux dynamiques de l’extérieur. La réflexion sur quelques éléments qui entouraient les pratiques de ces femmes est essentiel pour composer la généalogie des soins médicaux sur le corps féminin dans la ville de Fortaleza.

Mots-clés: corps; accouchement; sages-femmes.

No romance *Luzia Homem*, de autoria do escritor cearense Domingos Olímpio, a comadre Rosa Veado, personagem que residia na cidade de Sobral durante a grande seca de 1877, relatou com detalhes um parto por ela assistido:

Eu lhe dizia: Tenha paciência, comadrinha... É assim mesmo. – Mas eu já não posso mais, sinhá Rosa. Estas dores me arrebetam – respondia ela, com as mãos fíncadas nas cadeiras – Ai... ai... ai... que estou me acabando!... – É porque vosmecê não está afeita... A primeira vez custa um bocado... Nisto, vinha-lhe o sono... Ela passava por uma modorra, como se não tivesse nada. De repente, estremezia... – Lá vem... lá vêm elas – repetia espantada – Ai... ai... Minha Santa Virgem!... – Ah, meu maridinho... da minha alma... Ai!... Ai!... E eram ais de cortar o coração de quem não labuta, como eu, desde rapariga. Estava eu já esfalfada; não sabia mais como enganar a pobre, quando ela teve um puxo forte e quebraram-se as águas. Então eu disse: daqui a um nadinha, se Deus quiser, está aí a criança. – As dores foram amiudando, umas em riba das outras e... nada... Por fim a mulher não tinha mais forças; os puxos se espaçaram muito escassos, estava lavada em suores, branca

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da PUC-SP; bolsista do CNPq.

como um pano, os olhos revirados e o nariz afilado... Credo! Parecia uma defunta... – Tenha coragem, minha comadre. Mais uma vez e estará livre... Ela não falava; berrava como uma bezerra. Peguei-a, então, com o Senhor São Raimundo e rezei o Magnificat. Já estava para mandar tocar, no sino da Matriz, sinal de mulher de parto, quando me veio uma fé... Mandei sujicá-la por outra mulher, que estava junto, e vistoriei-a à fina força, porque, toda cheia de luxo e de vergonhas, me dava com os pés como uma desesperada. O menino estava mesmo atravessado. – Vão ver uma botija, minha gente – disse eu. Trouxeram uma botija de zinebra vazia, onde eu mandei que ela assoprasse com toda a força. – Sobre... sobre de verdade... Vamos... vamos... mais... mais um bocadinho... Agora... agora... Nisto dei um jeito que só eu sei... A mulher largou um grito rasgado e a criança pulou!... (...) A mulher ficava cada vez mais branca e com uma sede de engolir quartinhas d'água. Era um frouxo danado. Parecia que se havia sangrado um boi... Então mandei assoprar outra vez na botija. E, como as parias não se despregassem, chamei o marido, mandei que botasse o pé em cruz na barriga da mulher enquanto eu rezava comigo: 'Minha Santa Margarida, não estou prenha, nem parida, mas de vós oferecida'. Ao cabo da terceira vez, estava tudo acabado. (OLÍMPIO, 1983: 42-43)

Confiança e afeto pareciam constituir a tônica das relações travadas entre *aparadeiras* e parturientes. As manifestações de afeto se insinuam mediante a eleição de um mesmo vocativo para se chamarem umas às outras. Parteiras e parturientes se tratavam mutuamente pelo termo “comadre”, ou ainda “comadrinha”, como atesta o caso de Rosa Veado. O tempo que permaneciam junto das parturientes, auxiliando a gestante desde as dores até os primeiros dias de vida do recém-nascido, fazia das parteiras pessoas da casa, indicava o estabelecimento de um laço afetivo-familiar que, no entanto, não implicava ausência de autoridade. Foi sem pestanejar que Rosa Veado empreendeu uma vistoria nas partes pudendas da parturiente como que para se certificar dos próximos passos de sua conduta.

A confiança que se rendia às parteiras emanava de diferentes fontes. Rosa Veado ganhou prestígio pelos sucessos de suas práticas, daí sua fama de “insigne parteira, muito cuidadosa, muito feliz” (OLÍMPIO, 1983: 31). Joana Pataca, parteira oitocentista descrita por Adolfo Caminha, na obra *A Normalista*, “era muito conhecida no Outeiro, por sinal tinha partejado uma vez a mulher do comandante do batalhão...”, além do mais “era limpa e não tinha má cara” (CAMINHA, 1983: 81). O Dr. Meton de Alencar, que clinicou em Fortaleza durante a segunda metade do século XIX, relatou o caso de uma “infeliz mulher que acreditava religiosamente na proficiência de sua *comadre* por que *enchergava* menos que ella” (ALENCAR, 1916: 15).

Acúmulo de experiências bem sucedidas, respaldo entre componentes das classes dominantes ou mesmo propriedades corporais, mais do que atestar competência prática entre as parteiras, pareciam funcionar como fortes indícios de dons ou intuições considerados, durante muito tempo, indispensáveis às lidas corporais, principalmente no que concerne ao momento do parto – e isto tanto nas classes pobres, quanto nas classes ricas. Assim é que

Rosa Veado relata que no momento crítico da parturição, chegou a ela uma “fé”, ou ainda quando afirma que “deu um jeito que só eu sei...”. Por sinal, quando uma conhecida de Rosa Veado manifestou-se espantada com tamanha sorte nas parturições que assistia, a parteira respondeu “O que eu tenho é fé em Deus” (OLIMPIO, 1983: 43). No caso clínico relatado pelo Dr. Meton de Alencar, depois que a parteira “em um dia inteiro de baldados puchões não conseguia extrair o feto, desenganou a parturiente e abandonou-a de uma vez”, e a parturiente, por sua vez, “esperou (...) todo o dia pela morte!” (ALENCAR, 1916: 15). Não se esperava das parteiras que dessem provas de eficiência e salvassem vidas, mas sim que dessem bom encaminhamento aos destinos maternos e infantis, para os quais concorriam sobrejamente os desígnios divinos.

Estreitas relações entre as economias do corpo feminino e as dinâmicas sobrenaturais já podem ser aventadas pelo fato mesmo de que Rosa Veado, além de parteira, também assumia funções de feiticeira, tendo, inclusive, desvendado, mediante rezas e apelos a forças ocultas, o mistério em torno do qual girava o enredo de *Luzia-Homem*. A relevância dos trâmites sobrenaturais sobre as vicissitudes dos corpos revela certo entendimento do funcionamento corpóreo que vai além de seus próprios limites. A economia dos corpos estava, conforme as comadres, aberta às influências das entidades sobrenaturais, que poderiam se manifestar através da disposição dos objetos e de outros corpos que, do exterior do corpo da parturiente, emanavam forças.

Este corpo aberto ao mundo externo parecia estar na base dos princípios embutidos na assistência ao parto pelas comadres cearenses. Talvez a indiferença em relação a outras maneiras de se entender o corpo humano - já que, para a nossa cultura, ele é apresentado como um dado natural individualizado, dotado quase eminentemente de propriedades anatômicas e fisiológicas, sobre as quais se costuma intervir diretamente - impeça de enxergar as parteiras curiosas como agentes ativos no momento da parturição. Daí a imagem consensual e equivocada de que elas apenas aguardavam as manifestações da natureza, suas práticas figurando como inúteis e suas preces constituindo-se mais em desejos, do que em atos que podem gerar efeitos.

A crença religiosa compunha-se de diferentes apelos, conforme os efeitos desejados no encaminhamento da parturição pela *aparadeira*. Dependendo do estado de complicação da parturiente e da criança, determinadas preces e práticas religiosas são consideradas mais adequadas. No caso de Maria do Carmo, a normalista assistida pela parteira Joana Pataca, as primeiras dores da parturição foram acompanhadas de preces para o Senhor do Bonfim. Já a parteira Rosa Veado, diante da demora exagerada na expulsão do recém-nascido, apegou-se

com “o Senhor São Raimundo” e, em seguida, rezou o “*Magnificat*”. Não alcançando o resultado desejado, encontrou-se na iminência de “mandar tocar, no sino da Matriz, sinal de mulher de parto”. Já no final do trabalho de parto, quando a placenta não se descolava, a comadre solicitou a presença do marido e o fez colocar “o pé em cruz na barriga da mulher”. Enquanto isso, enquanto a parteira fazia uma pequena oração à Santa Margarida.

Os apelos ao panteão católico não se faziam apenas mediante o esforço das vozes. Determinadas práticas incidiam diretamente sobre os corpos em trabalho de parto. Além da disposição “em cruz” do pé do marido da parturiente, o Dr. Virgílio de Aguiar conta que, diante de casos de hemorragia da parturiente, era comum às comadres “se limitar a amarrar um cordão no tornosello da parturiente ou no pé da cama” (AGUIAR, 1930: 8). Durante o momento do parto, portanto, as aparadeiras faziam emergir outras funcionalidades para os objetos do derredor. Além de outros usos para cordões, camas e mesmo partes do corpo – como os pés do marido ou o tornozelo da parturiente –, a comadre Rosa Veado se valeu de uma botija¹, artefato de barro, para estimular, através de sopros da paciente sobre o gargalo, tanto a expulsão da criança, quanto a das parias ou placenta. A botija, por sinal, parece ter sido um objeto corriqueiro no interior dos lares. Embora não utilizada com a finalidade de auxiliar o parto, estava disponível na casa em que a normalista Maria do Carmo dera à luz. Aí, a botija cumpria outra função:

[João da Mata] De meia em meia hora acendia um cigarro automaticamente e punha-se ali a ruminar silenciosamente, à luz duma triste vela de carnaúba, que pingava a sua cera denegrida, no gargalo duma velha botija de genebra, esbatendo ao fundo do quarto o perfil do recém-nascido. (CAMINHA, 1985, p. 127)

Necessário não esquecer que num momento em que a quase totalidade dos partos ocorria nos lares das parturientes, a mobília e os objetos caseiros revestiam-se em artefatos úteis durante o momento da parturição, inclusive quando eram os doutores que acompanhavam os momentos de dar à luz. Este foi o caso do Dr. Meton de Alencar, em relato datado dos últimos anos dos oitocentos: “Minha mão esquerda unctada de azeite doce, na falta de outro óleo mais proprio, foi introduzida na vagina e no utero” (ALENCAR, 1916: 15).

Colocar em relevo as práticas e os objetos de que faziam uso as aparadeiras do Ceará, nas primeiras décadas do século XX, implica, além da visualização e admissão de suas lógicas

¹ Segundo o Minidicionário da língua portuguesa Silveira Bueno, o verbete *botija* significa “Vasilha cilíndrica de barro, de boca estreita, gargalo curto e uma pequena asa”. In: BUENO, Francisco Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. Ed. rev. e atual. por Helena Bonito C. Pereira, Rena Signer. – São Paulo: FTD: LISA, 1996.

próprias, a possibilidade de se alcançar as condições materiais que, de um modo geral, cercavam o momento de parir. Nesse sentido, merece destaque a descrição do domicílio onde se dera, em um arrabalde longínquo do centro de Fortaleza, o Cocó, um parto assistido por comadre. A narrativa, que não é literária, e sim da pena de um médico, data do ano de 1933:

Era uma tapera miserável, recoberta de folhas de carnauba, encravada num vasto amphitheatro de magnificas mangueiras. (...) Entrei. A sala de entrada, de piso de barro batido, como o de toda a casa, tinha como moveis, uma mesa tosca e alguns tamborêtes.

Sobre a mesa, uma lamparina de folha de Flandres. Pelas paredes, como adorno, reclames os mais variados.

– Vá entrando, doutor. E’ ali a camarinha.

A camarinha era um cubiculo estreito, sem luz e sem ar, onde esfalfada gemia a parturiente e o recém-nascido grunhia francamente.

– Tragam-se uma luz; não vejo nada, pedi eu.

Veio a lamparina de kerosene, inundando a camarinha de fumo; e clareando-a melhor. Num dos angulos, vagia o recém-nascido numa tipoia pequenina. Num catre miserável, gemia uma mulher, palida, sem forças. Sobre o mesmo catre, desgrehada, a saia sobre a camisa, segurando o cordão placentario fixamente com uma volta sobre a mão direita, agachava-se a parteira – a mais completa negação do asseio. Ao ver-me, explicou: - Desde de manhã, que procuro arrancar isto, como quem arranca papo de perú, mas... nada. (MOURA, 1933: 23)

Na casa de dois cômodos, a parturição ocorrera na camarinha, sobre um catre miserável. No parto assistido por Joana Pataca, cerca de quarenta anos antes, a parturiente Maria do Carmo também estava residindo em lugar distante “na Aldeota, cerca de um quilômetro da cidade, numa casinhola de taipa, dentro de um largo cercado de pau-a-pique plantado de cajueiros...” (CAMINHA, 1983, p. 73). No significativo intervalo de tempo que distancia os dois relatos, evidenciam-se, no entanto, algumas semelhanças. Além da natureza exuberante a rodear os domicílios, ambos cravados em arrabaldes da cidade, materiais como o barro, a taipa e o algodão continuavam a prevalecer, este último na confecção de fios, tipóias e demais panos; as formas de iluminar ainda não contavam com a eletricidade, já que Joana Pataca se valia de “uma triste vela de carnaúba” (CAMINHA, 1983: 82); seja em um ou noutro lar, não faltava unidades de mobília feitas de madeira e couro, denominadas “tamboretetes”. No final dos oitocentos, Maria do Carmo, embora tivesse dado à luz em pé, se manteve a maior parte do tempo no interior de uma rede, e não num catre, como a parturiente do Dr. Clóvis de Moura. Foi numa “cama de lona sem pannos e sem asseio” (ALENCAR, 1916: 15) que se deu o parto assistido pelo Dr. Meton de Alencar, nas últimas décadas do século XIX. Em 1930, o Dr. Eduardo Dias encontrou uma mulher se contorcendo com as dores do parto “Em uma choupana, deitada num *grabato*” (DIAS, 1930: 4), e resolveu acomodá-la numa mesa de madeira para proceder à intervenção obstétrica.

A força dos elementos da natureza, na descrição do Dr. Clovis de Moura, nos idos da década de 1930, não se reduzia somente à constituição física do espaço domiciliar no qual uma mulher dera à luz. A prática adotada pela comadre para estimular a liberação da placenta constitui indício precioso das proximidades entre corpos humanos e corpos de animais – seres que povoavam, no início do século passado, as casas de Fortaleza, principalmente os quintais. Para algumas parteiras “curiosas”, portanto, o mundo rural aparecia como uma grande referência para a resolução dos problemas do corpo feminino. Numa relação ordenada pelos princípios da semelhança, convinha, para a aparadeira, extrair o cordão placentário da parturiente do mesmo modo como se “arranca papo de peru”, operação provavelmente corriqueira dentro do conjunto maior dos afazeres domésticos, muitos dos quais executados nos quintais.

Aliás, cabe destacar que certa associação entre corpos femininos e corpos de animais não foi exclusiva das aparadeiras. Mais uma vez, o Dr. Meton de Alencar deixou registro de zonas de aproximação entre médicos e parteiras. Em 1885, o médico se deparou com um caso de uma mulher que dois meses depois de ter dado à luz a uma criança morta, sofre um segundo e inexplicável parto, dele advindo uma criança viva e sadia. Ao levantar a hipótese do que ele chamou de superfetação, o Dr. Meton de Alencar não deixou de lembrar, para corroborar o seu argumento, o fato de que “Um amigo afiançou que uma cabra que existia nesta capital havia tido um cabrito, e, alguns meses, 2 ½ ou 3 depois, outro, tão forte e desenvolvido como o primeiro” (ALENCAR, 1917: 8).

As proximidades travadas entre as mulheres e as atividades que ganhavam espaço nos quintais indicavam familiaridade com as matérias orgânicas que iam e vinham do corpo. Era nestes espaços que se empreendia a criação, sacrifício e preparo dos animais a serem servidos nas refeições; neles se construía poços ou cacimbas para a retirada da água de beber. Em contrapartida, era também nos quintais que se urinava e se defecava, era neles que se concentravam as águas servidas e o lixo formado prioritariamente de matéria orgânica em decomposição. Nos quintais, as mulheres lavavam as roupas e paninhos sujos do sangue menstrual, se enterravam as párias ou placenta, se sepultavam os nascidos mortos ou abortados. Pensando dessa forma, não é de se espantar que a cena do parto, repleta de sangue, lágrimas, suor, líquido amniótico, placenta ou páreas, em alguns casos pus, apareça para as mulheres como fazendo parte da instância ordinária da existência. Aliás, algumas práticas das aparadeiras indicam que chegaram mesmo a utilizar estes elementos com vistas a encaminhar melhor o parto. O Dr. Cesar Cals cita, por exemplo, o “caso de uma parturiente a quem fora dado a beber urina do marido para expellir a placenta retida” (CAL, 1928: 10). A ausência

de restrição em relação às viscosidades dos corpos também pode ser verificada a partir de um relato do Dr. Meton de Alencar Filho, descendente daquele outro médico de mesmo nome: “Pessôas ha que se servem da lingua para retirar dos olhos de entes caros, corpos extranhos” (ALENCAR FILHO, 1917: 47). Enquadrada, pelos médicos de Fortaleza, no rol dos absurdos do povo, estas medidas conferem historicidade à atitude contemporânea do nojo diante de algumas substâncias expelidas pelo corpo – e, nesse caso, pelo corpo de outrem.

A prática relatada acima pelo Dr. Cesar Cals faz ressaltar a participação do marido no momento do nascimento de seu filho. Além deste último caso, no qual sua urina tem papel importante, deve-se atentar para o parto descrito no romance *Luzia-Homem*, no qual seu “pé em cruz na barriga da mulher” também se revestiu de relevância para a extração da placenta da parturiente. Alguma espécie de propriedade ligava estreitamente o corpo da mãe ao corpo do pai, capacitando este último a emanar forças que trariam o sucesso do parto. Mais uma vez, reafirma-se que era sobre um determinado tipo de corpo, aquele passível dos influxos visíveis ou invisíveis do fora, que se amparavam as mais diversas práticas que envolviam as parteiras curiosas.

A presença do pai ou marido no momento em que a mulher vai dar à luz indica, ainda, que a parturição assistida pela parteira “curiosa” ganhava ares de um evento público. Nele, além da parturiente e da parteira, participavam o marido, além de outros homens e outras mulheres. No parto assistido por Joana Pataca, estavam presentes o pai da criança - João da Mata -, tia Joaquina e mestre Cosme; aliás, foi este último quem sepultou no quintal de sua casa o nato-morto gerado por Maria do Carmo, a parturiente. Rosa Veado pediu que uma mulher “sujicasse” a parturiente para a realização de um exame, solicitou, igualmente, que alguém fosse atrás da botija. Esta mesma parteira se encontrou na iminência de mandar tocar o sino da Matriz, como sinal de mulher de parto, alargando ainda mais o aspecto público que os partos de outrora guardavam.

Muito embora adeptos de matrizes diferenciadas, médicos e aparadeiras chegaram a compartilhar não apenas referências e atitudes, como aquelas flagradas na prática clínica oitocentista do Dr. Meton de Alencar. Ao que tudo indica, os doutores e as comadres agiram em franca colaboração até, pelo menos, os primeiros anos do século passado. Em 1935, referindo-se aos anos anteriores a 1915, quando a Maternidade Dr. João Moreira foi fundada, o Dr. Cesar Cals confessava que “eram indispensáveis, a falta de melhor, as assistentes daquela epocha. Medicos e parturientes tinham de se haverem com ellas, aquelles para ajudalos nas difficeis intervenções obstetricas e estas para partejá-las” (CAL S, 1935, p. 2).

Apelos religiosos, soprar botijas, amarrar cordões ao pé da cama, sinos tocando, ingerir urina do marido, lidar com o corpo como aos animais, liberar placentas estagnadas, dentre outras práticas, faziam das parteiras curiosas mulheres ativas na assistência ao parto. Seu repertório de condutas se revela tributário das verdades da fé, que se expressavam na religiosidade popular, e daquelas advindas de uma vivência estreita com o mundo orgânico e/ou rural sertanejo, de onde retiraram referências². As duas matrizes se uniam na concepção de um corpo aberto às vicissitudes daquilo que estava além dos limites da carne e, portanto, de difícil controle.

Este entendimento dos corpos femininos em estado de gravidez constituiu-se componente considerável das culturas femininas presentes em Fortaleza, no alvorecer do século XX. O momento de dar à luz, numa época em que ter muitos filhos era a regra, significava a presença constante da comadre e a reafirmação de suas concepções e práticas corporais, sempre partilhadas com as parturientes. Foi sobre esta organização da existência e do corpo, que se contrapuseram os médicos fundadores da Maternidade Dr. João Moreira e de seu Curso de Parteiras Diplomadas.

BIBLIOGRAFIA

BUENO, Francisco Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. Ed. rev. e atual. por Helena Bonito C. Pereira, Rena Signer. – São Paulo: FTD: LISA, 1996.

DIAS, Maria Odila Leite e Silva. *Quotidiano e Poder*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Parto, parteiras e parturientes: Mme. Durocher e sua época*. Tese de Doutorado. USP, 1998.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e História. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 3, p. 243-266, 1996.

² “Além de muitas das grandes famílias serem originárias do interior do Estado, onde a relação dos donos-de-casa com uma vasta corte de agregados domésticos (aí incluídas serviçais e comadres hábeis nas práticas populares de cura) era muito próxima, a população pobre da Capital era majoritariamente constituída de segmentos de origem sertaneja, face ao êxodo rural promovido pelas constantes secas. É de se imaginar, portanto, o contato amiado e a forte ingerência da figura da comadre, da rezadeira, curandeira e parteira sobre as mães da Capital, mesmo as mais abastadas”. PONTE, Sebastião. Op. cit., p. 119.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Uma história do corpo. In: SOARES, Carmen. (Org.). *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 67-80.

FONTES

ALENCAR, Meton. Páginas Antigas. *Norte Médico*. Fortaleza, Anno IV, Num. 10, 11, 12. Outubro, Novembro e Dezembro de 1916, p. 14-15.

ALENCAR, Meton. Páginas Antigas. *Ceará Médico*. Fortaleza, Anno V, Num. 1. Março de 1917, p. 7-9.

ALENCAR FILHO, Notas práticas para o interior do estado. *Ceará Médico*. Fortaleza, Anno V, Num. 3. Julho a Setembro de 1917, p. 45-47.

AGUIAR, Virgílio de. Esculapeanas. *Ceará Médico*. Fortaleza, Anno IX, Num. 9. Setembro de 1930, p. 6-8.

CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Bom Livro).

CALS, Cesar. A Maternidade Dr. João Moreira. *Ceará Médico*. Fortaleza, Anno VII, Num. 1. Setembro de 1928, p. 9-12.

CALS, Cesar. *Primeiro Congresso Médico Cearense*. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1935.

DIAS, Eduardo. Um caso de “parto a hora certa”. *Ceará Médico*. Fortaleza, Anno IX, Num. 11. Novembro de 1930, p. 4-5.

MOURA, Clovis. Paramédicas. *Ceará Médico*. Fortaleza, Anno XII, Num. 10. Outubro de 1933, p. 22-24.

OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. São Paulo: Ática, 1983. (Série Bom Livro).